

# Argentinos duvidam do ajuste fiscal

Nelson Oliveira  
Da equipe do **Correio**

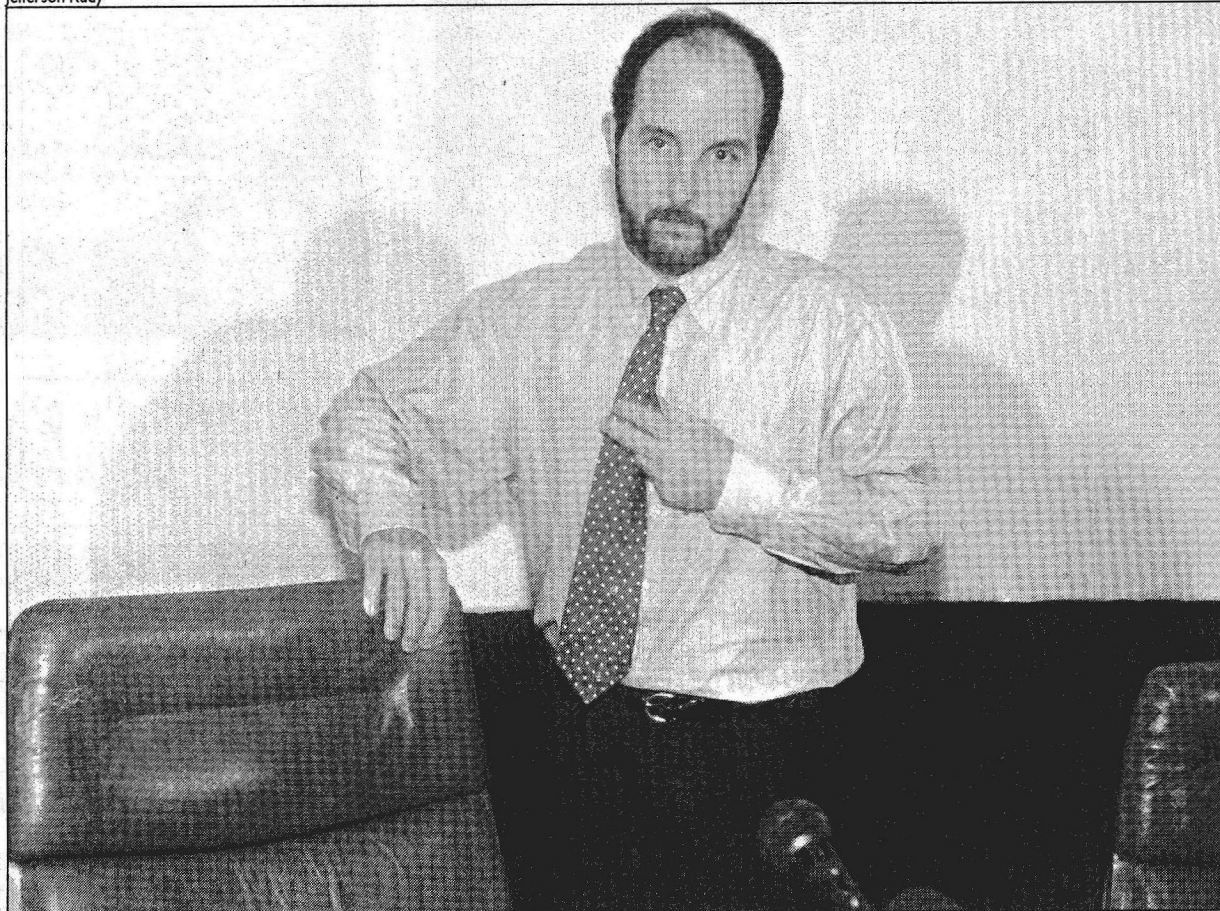
O governo brasileiro continua sem credibilidade diante dos grandes empresários argentinos. Experimentados num longo processo de ajuste, eles acham que o Brasil não está disposto a fazer o ajuste fiscal necessário para sair da crise. E insistem em que o país deveria adotar o sistema de *currency board* (caixa de conversão), pelo qual só se emite moeda com base num determinado valor de reservas cambiais em caixa. Atrelando sua moeda ao dólar, o país abriria mão do controle sobre a política monetária.

Ao ouvir esse tipo de opinião de um grupo de executivos reunidos quinta-feira em Buenos Aires, o consultor Murilo Aragão, da Arko-Advice, concluiu que há equívocos de interpretação da realidade brasileira atrapalhando as relações comerciais no Mercosul. Os empresários, por exemplo, oferecem outra sugestão baseada no dólar para resolver o problema da dívida mobiliária brasileira: indexar os títulos à moeda norte-americana, alongando os prazos para 10 anos. Hoje a maior parte dos papéis está sendo rolada no curto prazo.

"Há uma incompreensão natural, mas que deve ser corrigida", diz Aragão. "Ao contrário de nós, os argentinos foram ao fundo do poço, tendo partido dali para medidas duras." O consultor lembra também que os argentinos têm pressa em que a crise termine, porque dependem em larga medida do mercado brasileiro — que está fechado — para manter o ritmo de suas vendas. É vivo no empresariado argentino o temor de que o Brasil não saia da estagnação — estagnação econômica com inflação.

Estiveram na palestra, organizada pelo Grupo Exxcel, empresas

Jefferson Rudy



*Fraga assume o Banco Central em um momento delicado. O Brasil precisa recuperar a confiança dos investidores*

como a Techint, terceira maior corporação da Argentina, com US\$ 6 bilhões de patrimônio, e que atua na área de siderurgia. Também participou o grupo Macri (que possui uma construtora e recentemente adquiriu empresas de alimentação no Brasil), o Grupo Roggio (maior construtora do país), o banco Galícia e a Irsa (monopólio na administração de shoppings).

Além dos empresários, Aragão falou a comerciantes, jornalistas e donos de revistas. O consultor diz ter recebido pedidos apreensivos de explicação a respeito da capacidade de o Brasil honrar o pagamento da dívida interna. "Eles não

**"AO CONTRÁRIO DE NÓS, OS ARGENTINOS FORAM AO FUNDO DO POÇO, TENDO PARTIDO DALI PARA MEDIDAS DURAS"**

Murilo Aragão  
consultor da Arko-Advice

sabiam que além do esforço fiscal de 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB), o Brasil tem verbas no orçamento que, somadas à economia propiciada pelo corte de gastos

segundo o consultor, boa parte desse temor deve-se à visão catastrófica predominante em Wall Street, onde há muitos investidores argentinos.

públicos, atingem US\$ 80 bilhões, o equivalente a 10% do PIB. Esse é o percentual visto como a margem de segurança mínima para um país em crise como o Brasil. Se-

A rebelião do governador Itamar Franco é outro fator de angústia para o empresariado argentino. Aragão explica que é errado estender a todos os governadores as atitudes assumidas por Itamar. "Disse a eles que há 20 governadores responsáveis dialogando com o presidente Fernando Henrique". Aragão reconhece que o governo brasileiro está sem discurso, mas defende o presidente. "Ele tomou decisão heróica e patriótica ao trocar o Francisco Lopes, que estava desacreditado pelo mercado, por Armínio Fraga", argumenta Aragão.

A imagem que mais agradou aos empresários argentinos foi a de um Brasil como o paciente de uma operação super complicada. "O pós-operatório é delicado mas pode evoluir para um quadro estável". O que importa agora, conforme o consultor, é concluir o ajuste fiscal e recuperar a credibilidade. "Depois vamos pensar num modelo para o País". Aragão lembra que há dois homens com força e credibilidade no momento: o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o novo presidente do Banco Central, Armínio Fraga. "E o plano para sair da crise ainda é o mesmo: o colchão de liquidez de US\$ 120 bilhões formado pelos cortes no orçamento, pelo dinheiro do FMI e pelos investimentos estrangeiros, mais as reservas em caixa."

A desconfiância dos argentinos em relação ao Brasil está tendo um curioso efeito político na Argentina. Com medo de que o agravamento da situação acabe prejudicando-os ainda mais, forma-se no momento importante corrente política por nova reeleição do presidente Carlos Menem. "É a aposta numa saída conservadora como foi a reeleição de Fernando Henrique no Brasil", analisa Aragão.